

Jornal Mural “Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati”¹

Ygo Prudêncio MAIA²

Felipe de Freitas CARNEIRO³

Jorge Lucas Vieira AMÂNCIO⁴

Michelly Maia SILVA⁵

Paula Beatriz Ribeiro FLORIANO⁶

Francisco Giovanni Fernandes RODRIGUES⁷

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido para apresentar o produto “Mãos de Majorlândia”, um jornal mural que tem como objetivo dar visibilidade ao artesanato feito em Majorlândia, praia localizada no município de Aracati (CE). Consiste em uma proposta de incentivo à cultura dentro do ambiente acadêmico da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), cujo Campus Central está situado em Mossoró, cidade próxima ao litoral cearense. O jornal mural conta com fotografias e grandes reportagens que buscam despertar o interesse dos leitores em conhecer o trabalho dos artesãos de Majorlândia.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornal mural; universidade; artesanato; Majorlândia.

1 INTRODUÇÃO

No dia 22 de outubro de 2015, foi sancionada a Lei nº. 13.180, que regulamenta a profissão de artesão. Entre as diretrizes básicas previstas na lei, estão a divulgação do artesanato; o apoio comercial, com identificação de novos mercados em âmbito local, nacional e internacional; e a valorização da identidade e cultura nacionais (BRASIL, 2015).

O artesanato é uma produção manual feita por um artesão que confecciona objetos de cultura popular. Tradicionalmente, o trabalho é realizado em casa e o próprio artesão possui as ferramentas necessárias para produzir suas peças. O produtor realiza todas as etapas de produção: do tratamento da matéria-prima ao acabamento.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal Mural.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: ygo_p_maia@hotmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: ffcprofissional@gmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: jorge.amancio@yahoo.com.br.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: michellymaiaa@gmail.com.

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: paularfloriano@gmail.com.

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: franciscogrodrigues@yahoo.com.br.

Os artesãos aproveitam os recursos naturais disponíveis em cada região, imprimindo traços pessoais aos produtos, além de marcas características de sua comunidade. Observamos esses aspectos no cenário artesanal que encontramos na praia de Majorlândia. Durante o processo de pesquisa, identificamos as potencialidades dos trabalhos dos artesãos, que poderiam ser exploradas nas reportagens do jornal mural.

Majorlândia está situada a 12km do município de Aracati, ao qual pertence, 170km de Fortaleza e 6km de Canoa Quebrada, praia vizinha. O distrito, fundado em 1937 pelo major Bruno da Silva Figueiredo (por isso o nome, que significa “Terra do Major”)⁸, é rico em belezas naturais, destacando-se por suas falésias brancas e alaranjadas.

O lugar ainda dispõe de bares, restaurantes e pousadas, bem como oferta de cardápio com frutos do mar e peixes frescos. Durante o ano, duas grandes festas fortalecem o turismo local: uma programação com bandas locais e da região no período de Carnaval; e em outubro, mês do aniversário de Aracati, a tradicional regata de jangadas.

Majorlândia era uma antiga vila de pescadores, que se desenvolveu e hoje é um dos destinos mais procurados do litoral leste cearense. A praia também é bastante conhecida pela arte com areias coloridas, retiradas das próprias dunas e falésias do local. Além disso, reúne artesãos que trabalham com renda, búzios, palha, dentre outros materiais.

A ideia de confeccionar um jornal mural surgiu durante a disciplina de Agência Experimental em Jornalismo, no sétimo período do curso. O projeto apresentado ao fim do semestre foi um site com fotos, textos e vídeos dos personagens. Posteriormente, o objeto resultou na elaboração do jornal mural “Mãos de Majorlândia”, que foi dividido em duas edições.

2 OBJETIVO

O objetivo do jornal mural “Mãos de Majorlândia” é dar visibilidade ao trabalho dos artesãos da praia de Majorlândia e mostrar as dificuldades encontradas por eles. O projeto busca a valorização e a preservação da cultura local, expandindo também para o Rio Grande do Norte, tendo em vista a distância entre a praia e a cidade de Mossoró/RN, que é de 95 km.

⁸ O Major e a Majorlândia. Disponível em: < <http://historiasdoaracati.blogspot.com.br/2011/12/o-major-e-majorlandia.html> >. Acesso em: 30 abr. 2016.

Acreditamos que este projeto é uma maneira de promover a manutenção dessa cultura que abriga um grande número de pessoas, uma vez que o artesanato representa na vida delas, não apenas uma fonte de recursos, mas um estilo de vida.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 A pauta

A primeira motivação para a escolha do artesanato em Majorlândia como tema do nosso jornal mural veio do fato de sermos da cidade de Aracati, onde a praia fica localizada. Desta forma, consideramos que nossos conhecimentos prévios acerca do lugar nos dariam maior propriedade para abordar o assunto.

Outro fator que nos influenciou a abordar o tema foi o desejo de divulgar o trabalho desenvolvido pelos artistas locais, que mesmo sendo parte importante da cultura aracatiense, é pouco valorizado e não recebe o incentivo necessário.

3.2 A plataforma

Optamos por elaborar um jornal mural, pois é um instrumento de comunicação rápido, imediato e que se mostrou o meio mais adequado ao nosso orçamento. Além disso, “levando-se em consideração sua extrema flexibilidade, pode-se, em determinadas circunstâncias, montar um JM [jornal mural] totalmente dedicado a um só tema, explorando em sua totalidade, por exemplo, AIDS, Segurança, Dia da Independência, Dia da Constituição” (FRANÇA, 1988).

O jornal mural também foi escolhido por causa do grande número de pessoas que frequentam o Centro de Convivência da Uern diariamente. Além dos estudantes do Campus Central, a comunidade próxima também frequenta o ambiente por causa do Restaurante Popular, que serve cerca de 650 refeições por dia⁹.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 Entrevistas

A partir da definição da pauta, fomos à campo procurar nossos personagens: reservamos um final de semana para irmos até Majorlândia; conversamos com moradores

⁹ Sethas reabre 10 Restaurantes Populares e inaugura unidade da UERN. Disponível em: <<http://www.sethas.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=103319&ACT=null&PAGE=null&PARM=null&LBL=NOT%C3%8DCIA>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

do lugar em busca de informações e indicações sobre os artesãos; conseguimos os endereços e visitamos os artistas que tinham perfil adequado à nossa proposta; e anotamos os números de telefone para futuramente agendarmos as entrevistas, que se desdobraram como diálogos com as fontes.

Sem dúvida, as entrevistas foram a base do nosso projeto. Nilson Lage conceitua entrevista como “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2001, p. 73). Também consideramos pertinente às nossas intenções a definição proposta por Cremilda Medina:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática das informações” (MEDINA, 1986, p. 8).

Como já expusemos, as entrevistas foram previamente agendadas e, no que concerne às circunstâncias de sua realização, enquadram-se na definição de Lage para entrevista dialogal, pois “reúne entrevistado e entrevistador em ambiente controlado” (LAGE, 2001, p. 77). O autor explica que nessas entrevistas o tom da conversa é construído pelo entrevistador e pela fonte. O repórter propõe as questões, mas não significa que os tópicos devam ser limitados, uma vez que as respostas podem gerar outras perguntas, a fim de aprofundar e detalhar aspectos abordados pela fonte.

Tivemos o cuidado de não seguir um roteiro fechado no ato da apuração, tendo a preocupação de deixar os entrevistados à vontade para falar, enquanto apenas conduzíamos o diálogo de acordo com os objetivos pretendidos. De acordo com Medina,

quando ocorre uma entrevista dirigida por um questionário estanque ou motivada por um entrevistador também fixado em suas ideias preestabelecidas (em geral, coincidente com o questionário) ou no autoritarismo impositivo, o resultado frustra o receptor. Até um leigo em técnicas de comunicação social percebe a ausência do diálogo (MEDINA, 1986, p. 6).

Embora tivéssemos o número de telefone de todos os personagens, fizemos questão de realizar as entrevistas pessoalmente, pois avaliamos que seria a melhor forma de colher os depoimentos. “A proximidade física permite uma aferição de resposta - um *feedback* - rápida, visual e auditiva, corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança” (LAGE, 2001, p. 79).

Desta forma, pudemos realizar com êxito as entrevistas em profundidade, que não tratam especificamente de um acontecimento ou tema particular, mas sim ressaltam “a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2001, p. 75). O próximo passo consistiu na produção das reportagens, a partir dos depoimentos e impressões que colhemos de nossos personagens.

4.2 Produção dos textos

Transcrevemos todas as entrevistas e começamos a escrever as reportagens. Foi o momento de contar as histórias dos artesãos de Majorlândia utilizando as técnicas que aprendemos no decorrer do curso.

Gustavo de Castro, autor do ensaio *A palavra compartilhada*, diz que “o jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração” (CASTRO, 2002, p. 73).

Castro também argumenta que “uma das saídas para o jornalismo contemporâneo, ao que parece, é voltar a investir na narração, ou na velha fórmula da boa história a se contar, sem, contudo, deixar de mesclar a velha regra do *lead* americano [...] a outras técnicas” (CASTRO, 2002, p. 77).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O jornal mural “Mãos de Majorlândia” teve duas edições. Na primeira, o leitor tem acesso a um texto de apresentação para ter uma visão geral dos personagens, da profissão de artesão e da praia de Majorlândia. A edição nº. 1 dispõe de duas reportagens: *Tecendo sonhos em labirinto*, que conta a história da labirinteira Dona Bia; e *Suor que escorre na palha*, que traz a história de Dona Bernadete, artesã que trabalha com palha de carnaúba. Além disso, tem também um box chamado *Diário de Bordo*, no qual relatamos a nossa experiência durante a realização do projeto. Reservamos, ainda, um espaço para fotografias de Dona Bia e de Dona Bernadete, bem como das peças produzidas por elas.

A segunda edição também teve espaço dedicado a fotografias dos personagens e ao *Diário de Bordo*. As duas reportagens da edição nº. 2 do jornal mural foram: *Arte colorindo*

gerações, sobre o artesão “Pisca”, que trabalha com areia colorida; e *Filha dos búzios*, que conta a história de Juma, uma artista que faz peças com búzios e sonha com um futuro promissor para a filha. Por fim, a edição traz o relato do professor da disciplina de Agência Experimental em Jornalismo sobre a experiência como orientador do trabalho.

Para as entrevistas, utilizamos celular para gravação de áudio, além do apoio de bloco de notas. Para as fotografias, usamos duas câmeras *Canon*, modelos T3 e T3i. O trabalho foi diagramado no programa *InDesign*. As dimensões são de 420mm × 594mm em cada edição (folha A2). Também deixamos o link do site nas duas edições, para os leitores visitarem e acompanharem o material com mais detalhes.

Cada edição do jornal mural ficou exposta durante duas semanas no Centro de Convivência (CC) do Campus Central da Uern, em Mossoró. Spenillo diz que o jornal mural precisa ser colocado “em locais de fácil e livre acesso, ou melhor, de acesso quase obrigatório, para que o jornal seja lido pelo maior número de pessoas” (SPENILLO, 2001, p. 5).

Desta forma, a escolha do local nos proporcionou, mesmo com baixo custo, alcançar um grande público, que abrange estudantes, funcionários da universidade e público externo que frequenta o Restaurante Popular situado no CC.

A diagramação do jornal mural é simples e os destaques são as reportagens e fotografias dos artesãos e das peças que produzem. “As fotos, as ilustrações e o colorido, então, aparecem como um estímulo ao sentido da visão, servindo de subterfúgio para a leitura do texto e, ao mesmo tempo, sendo também eles informações que se somam” (SPENILLO, 2001, p. 3).

De acordo com Fábio França (1988),

espera-se uma programação visual bem feita, as notícias bem distribuídas e dispostas de forma agradável. Essa diagramação precisa ser estudada, levando-se em conta o volume e o tipo de notícias que serão divulgadas. A titulação das colunas deve ser feita em letras grandes e coloridas o corpo do Mural pode contar com tarjas e separadores coloridos, títulos chamativos e curiosos, usar também fundos em cor para destacar determinadas informações (FRANÇA, 1988).

Desta forma, quando discutimos como os elementos ficariam distribuídos no jornal mural, pensamos, principalmente, em fotos atrativas para chamar a atenção do público que circula pelo CC diariamente.

6 CONSIDERAÇÕES

A confecção do jornal mural “Mãos de Majorlândia” foi um grande aprendizado para a equipe. O processo começou a partir da escolha da pauta, quando traçamos o nosso objetivo: procurar artesãos da nossa cidade natal e disseminar as histórias de vida deles, bem como mostrar o trabalho que desenvolvem.

Com este projeto, conseguimos aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula ao longo da graduação, vivenciando de forma ampla a prática jornalística. Desenvolvemos o produto na disciplina de Agência Experimental em Jornalismo, mas também exercitamos o que aprendemos nas disciplinas de Produção de texto jornalístico, Técnicas de entrevista e reportagem, Planejamento gráfico e editoração, Edição e Fotojornalismo.

Reconhecemos a importância de termos produzido um material que se propôs a valorizar uma atividade que recebe pouco incentivo, transformando os artesãos em protagonistas de suas histórias. Para isso, apostamos no jornal mural, uma plataforma de comunicação que requereu baixos custos e nos trouxe resultados satisfatórios em nossa primeira experiência. Esperamos que o nosso projeto possa inspirar outros trabalhos voltados para o social/cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n. 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 out. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13180.htm >. Acesso em: 30 abr. 2016.

CASTRO, G. A palavra compartilhada. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 71-83.

FRANÇA, F. **Jornal mural**: nova e eficiente opção. Catálogo Brasileiro de Profissionais de Relações Públicas, São Paulo, v. 10, p. 115-116, dez. 1988, editado pelo CONRERP 2ª Região - São Paulo/Paraná. Disponível em: < <http://www.sinprorp.org.br/Clipping/2006/095.htm> >. Acesso em: 29 abr. 2016.

FREITAS, V. **O Major e a Majorlândia**. Aracati, 11 dez. 2011. Disponível em: < <http://historiasdoaracati.blogspot.com.br/2011/12/o-major-e-majorlandia.html> >. Acesso em: 30 abr. 2016.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, C. A. **Entrevista:** o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

SETHAS. **Sethas reabre 10 Restaurantes Populares e inaugura unidade da UERN.**

Natal, 27 jan. 2016. Disponível em: <

<http://www.sethas.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=103319&ACT=null&PAGE=null&PARM=null&LBL=NOT%C3%8DCIA> >. Acesso em: 29 abr. 2016.

SPENILLO, G. **Comunicação Comunitária e novas tecnologias** – por uma formação profissional em busca da cidadania. Campo Grande: Intercom, 2001. Congresso em Ciência da Comunicação, XXIV. Disponível em: <

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116821803492441789618364147096662449211.pdf> >. Acesso em: 29 abr. 2016.